

Missão CELAM

213689 | 09 SETEMBRO DE 2022



De uma pastoral para eles a uma pastoral com eles

Os jovens,
agentes de
transformação



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO

Mons. Miguel Cabrejos Vidarte, OFM
Presidente

Card. Odilo Pedro Scherer
Primeiro Vice-Presidente

Card. Leopoldo José Brenes
Segundo Vice-Presidente

Mons. Rogelio Cabrera López
Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos

Mons. Jorge Eduardo Lozano
Secretário Geral

Direção editorial: José Beltrán,
Óscar Elizalde.

Textos: Rubén Cruz, Ángel Morillo.

Grafismo: Amparo Hernández,
Milton Ruiz, Carolina Henao y
Giovanny Pinzón e Inmaculada Brigidano.

Fotografia: Archivo Vida Nueva,
CELAM, REPAM e REPAM-Brasil.

Edição: PPC.

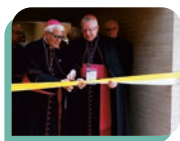
Impressão: Jomagar.

Todos os conteúdos são elaborados
pela Vida Nueva e pelo Centro
de Comunicação do CELAM.

Sumario



4 Na Capa
Jovens, protagonistas da mudança



10 Atualidade
A nova sede do Celam: uma construção em rocha firme



12 Dicionário CELAM
Jovens



13 Queridíssima Amazônia
O cardeal da Amazônia



14 Rostos e Vozes
Presb^o Augusto Horácio Rios Rocha



16 Os últimos, os primeiros
A herdeira dos povos Garífuna



A opção preferencial pelos jovens

MONS. MIGUEL CABREJOS VIDARTE, OFM, PRESIDENTE DEL CELAM

A Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe reafirmou a urgência de “reconhecer e valorizar o protagonismo dos jovens na comunidade eclesial e na sociedade como agentes de transformação”. Historicamente, este desafio pastoral sempre foi crucial para realizar a missão evangelizadora da Igreja em nosso continente, especialmente desde o Concílio Vaticano II.

Na Conferência de Medellín (1968), ao discernir a situação dos jovens, os bispos adotaram “uma atitude acol-

hedora para com a juventude” e empreenderam decididamente o desenvolvimento “em todos os níveis, nos setores urbanos e rurais, dentro da pastoral de conjunto, de uma autêntica pastoral da juventude” (DM 5, 13-14).

Anos depois, em Puebla (1979), a Igreja latino-americana e caribenha, ao definir os grandes caminhos de seu serviço evangelizador, abraçou a opção preferencial pelos jovens com o propósito de “apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que evangelizados, evan-

Editorial

SIGAMOS CAMINHANDO

Os próprios jovens são agentes da pastoral juvenil, acompanhados e orientados mas livres para encontrar caminhos sempre novos, com criatividade e ousadia” (Christus vivit, 203). Os jovens são atores principais na Igreja. Eles são protagonistas, por isso não faz sentido uma pastoral juvenil desenhada por adultos sem eles. Para que a Igreja deixe de ser uma instituição centrada nos adultos, a pastoral juvenil na América Latina e no Caribe, como já acontece em muitos lugares, deve passar de um ministério para eles para um ministério com eles. E não apenas para acompanhá-los em seu caminho espiritual, mas para atrair aqueles que estão longe, pois são os jovens que, por meio de seu testemunho, podem se conectar com seus pares.

A distância entre os jovens de 15 a 29 anos e a Igreja no continente é evidente na mesma participação

na Eucaristia dominical. De fato, de acordo com o recente relatório Juventude na Ibero-América 2021 – realizado pelo Observatório da Juventude na Ibero-América promovido pela Fundação SM –, a religião ocupa o último lugar entre as 17 prioridades dos jovens.

Neste caminho junto com os jovens de hoje, como Igreja, continuamos a nos sentir chamados a aprofundar como acompanhá-los na alegria de seguir Jesus, para que possam alcançar o apelo universal à santidade que todos compartilhamos. Queremos ser um canal para aquela Igreja que ouve, uma Igreja que quer fazer vida com eles. Também queremos descobrir com eles o mistério da vocação a partir de um acompanhamento sem direções, porque acompanhar os caminhos exige dar aos jovens o dom do discernimento para que possam tecer a própria vida. Sigamos caminhando. ●

gelizem e contribuam, como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação” (DP 1166). É claro que “a Igreja vê na juventude uma enorme força de renovação” (DP 1178).

A Conferência de Santo Domingo (1992) reafirmou esta opção preferencial pelos jovens “não só afetivamente, mas efetivamente”, comprometendo-se a um “acompanhamento e apoio real com diálogo mútuo entre jovens, pastores e comunidades”, e reconhecendo, além disso, que é essencial destinar “maiores recursos pessoais e materiais” (DSD 114) para alcançar esse objetivo.

Da mesma forma, os bispos de Aparecida (2007) fizeram um chamado a “privilegiar na Pastoral da Juventude processos de educação e amadurecimento na fé como resposta de sentido e orientação da vida, e garantia de compromisso missionário”. Para isso, é necessário “procurar maior sintonia entre o mundo adulto e o mundo juvenil”

(DAP 446), por meio de metodologias pastorais adequadas. O que seria da Igreja sem os jovens? Hoje, quando passamos por um processo sinodal sem precedentes que nos convida a revitalizar nossas experiências eclesiais de comunhão, participação e missão, estamos convencidos de que os jovens “são a esperança de uma sociedade melhor, de uma Igreja mais viva, eles são o presente e o futuro”, como disse o Papa Francisco. Por isso, precisamos ouvi-los mais – a partir de suas próprias línguas – e nos aproximar de suas culturas – com todo o seu universo simbólico – para preencher as lacunas pastorais e descobrir ali as “sementes do Evangelho”.

Desde o Conselho Episcopal Latino-Americano (Celem) nos sentimos chamados a encontrar as novas gerações e continuar construindo pontes que promovam seu papel na Igreja e na sociedade. Ao optar pelos jovens, assumimos o desafio de evangelizá-los e deixar-nos evangelizar por eles.



Encontro de jovens 'Abençoada mistura' realizado em julho em El Salvador

Jovens, protagonistas da mudança

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

Francisco perguntava a uma multidão entusiasmada de jovens: "Pergunto-vos, quereis construir a Igreja?" Um sim em uníssono. Em 2013, Jorge Mario Bergoglio estava a fazer a sua primeira viagem ao estrangeiro e, claro, à América Latina para presidir à Jornada Mundial da Juventude (JMJ) no Brasil. Assim começou a sua viagem com esta grande tarefa: encorajar os jovens a serem a vanguarda na construção de uma Igreja que sai para o encontro. Por esta razão, acrescentou: "Somos parte da Igreja, mais ainda, tornamo-nos construtores da Igreja e protagonistas da

história." "Moças e moços, por favor não entrem na fila, sejam protagonistas, joguem para a frente, construam um mundo melhor", acrescentou ele. Não satisfeito, convidou-os a lançar a confusão: "O que espero como resultado da Jornada da Juventude? Espero confusão (...) mas quero confusão nas dioceses, quero que as pessoas saiam, quero que a Igreja saia para as ruas, quero que nos defendamos de tudo o que é mundano, de tudo o que é instalação, de tudo o que é conforto, de tudo o que é clericalismo, de tudo o que está a ser fechado em nós próprios."

Oito anos após este pedido, em 2021, a América Latina e o Caribe celebraram a sua Assembleia Eclesial e, entre os seus 41 desafios, uma das suas prioridades foi “reconhecer e valorizar o protagonismo dos jovens na comunidade eclesial e na sociedade como agentes de transformação, estruturando um processo integral de encontro com a pessoa de Jesus, que dá origem a um compromisso ativo na missão evangelizadora da Igreja”. Paola Balanza foi testemunha em primeira mão deste fórum eclesial do continente. Ela integra a equipa de animação da Pastoral Juvenil da América Latina, coordenando a região andina composta pela Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Ela congratula-se com o facto de “os jovens serem o primeiro desafio da Assembleia Eclesial” e, portanto, “da Pastoral Juvenil como agentes de transformação dentro da Igreja”, uma vez que “tem sido uma grande satisfação para todos nós, e ao mesmo tempo implica uma grande responsabilidade”.

“Assim que a Assembleia terminou, partilhei estes desafios a nível da América Latina e do Caribe com os jovens da minha região, do meu país e também com os jovens da minha diocese. Assim, temos vindo a refletir e a pôr em prática com ações concretas como os jovens são protagonistas dentro da Igreja.” Ela admite que “o trabalho foi feito, mas infelizmente tem havido uma falta de maior apoio por parte das conferências episcopais, porque, embora o documento sobre os desafios da Assembleia Eclesial tenha sido publicado, não foi suficientemente partilhado ou trabalhado”. Contudo, esclarece que se trata de um trabalho conjunto, que não é apenas da responsabilidade dos pastores, mas de todo o Povo de Deus. Para isso apela à sinodalidade, na qual “todos nos ouvimos, refletimos e caminhamos juntos, por isso convido as conferências episcopais, os líderes da Igreja, os agentes responsáveis dentro da Igreja a partilharem os desafios com as suas comunidades e a pô-los em marcha, para que possamos trabalhar sobre eles, refletir, enfrentá-los e fazer algo a seu respeito, para que o convite seja alargado”.

REBELDES (E) COM UMA CAUSA

Lançar confusão? Embora esta expressão pudesse ser enquadrada dentro dos chamados bergoglistos, o jargão próprio do Papa, para Manuel Rodríguez, presidente da SIGNIS Cuba, trata-se de não ficar calado “perante o mal que se pratica, perante a injustiça: quando não me calo perante os problemas que as nações enfrentam atualmente, e especialmente o meu país, penso que estamos provocando uma confusão”. De fato, “tive a alegria e a bênção de participar na JMJ no Rio e lembro-me que essas palavras do Papa nos desafiaram desde o início e, no meu caso, penso que estou sempre a fazer uma confusão, por isso penso que lançar a confusão vem por natureza” (risos). O jovem comunicador dá mais exemplos: “Sempre que saímos da nossa zona de conforto, sempre

MANUEL RODRÍGUEZ: “QUANDO NÃO ME CALO PERANTE OS PROBLEMAS QUE MEU PAÍS ENFRENTA, ESTOU PROVOCANDO UMA DESARRUMAÇÃO”

que saímos para encontrar outros, especialmente aqueles que estão imersos em certas estruturas sociais, rodeados por certos problemas existenciais, e saímos para encontrar outros, estamos a fazer uma confusão.”

Pelo simples facto de transformar a Palavra de Deus em reggaeton e rap, Fleury Contreras está a fazer muito barulho na República Dominicana. Começou a aventurar-se no mundo da música urbana sob o nome de Mister Sincero, “com letras positivas e inspiradoras para Deus”. Sente que muitos jovens se afastaram, mesmo “estando dentro da Igreja, não conhecemos a mensagem de Jesus em profundidade”. Por esta razão, pede aos pastores que “lhes deem mais oportunidades de crescer espiritualmente, para que, com amor, possam realizar as tarefas que lhes foram confiadas com os seus dons e carismas”. Considera que esta pandemia danificou tudo “colocando os paroquianos numa pequena sala, onde já têm tecnologias e vivem a fé lá; não querem ir aos templos, nem assumir a responsabilidade pela ação pastoral”. Por conseguinte, “isso não é ser Igreja”, assinala ele. Daí que, numa das suas canções, La praxis, ele cite os seus versos: “É apenas cultura e religiosidade, diferentes formas de agir e pensar / Não professo apenas uma religião, professo um Jesus Cristo vivo que morreu por mim na cruz / Essa mesma no Calvário, para que possamos estar unidos e não separados / Trabalhando juntos somos mais e a palavra irá mais longe.” →



Jovens durante uma oração no encontro celebrado em terras salvadorenhas



Paola Balanza



Fleury Contreras



Jama Wapichana



Jean Carlos Castillo Marmolejos

→ Na fronteira entre o Brasil e a Guiana, no estado de Roraima, norte do Brasil, Jama Wapichana, do povo Wapichana, com apenas 25 anos, é ativista e defensora dos direitos dos povos indígenas, membro da União de Mulheres Amazonas do Brasil e coordenadora da juventude da Repam. Pelas suas obras os conhecerão e lançar confusão é o que a marca: “Nós, como jovens, somos agentes de transformação. Contribuímos para a transformação social, estamos a fazer a nossa parte a partir do nosso pequeno grupo, do nosso ambiente social, das nossas realidades, e estamos a transformar-nos a partir da base”. Esta jovem indígena pede à Igreja que continue a acompanhar o trabalho dos jovens, porque “somos o presente, somos hoje, não somos apenas aqueles que transformam o amanhã”. Ela está convencida de que “Francisco tem sido um agente muito importante, como líder, para a nossa juventude, chamando a Igreja, e não apenas a Igreja, mas todos os habitantes que vivem nesta Terra, para caminharem juntos, assumindo tudo o que o nosso planeta está a experimentar”. Daí a importância de “a atual viagem sinodal, essa viagem unida para trazer esperança”.

PROTAGONISTAS E CONSTRUTORES

Querem construir a Igreja? Ligia Elena Matamoras Bonilla, da diocese de San Isidro, no sul da Costa Rica, responde à pergunta do Papa com um sim. Coordena a Rede Latino-Americana e Caribenha de Religiões pela Paz, um movimento multirreligioso que representa as tradições religiosas na ONU. “Desde criança, aos 10 anos de idade,

tive a minha experiência como grupo juvenil e depois comecei a servir na animação e coordenação, na paróquia, na diocese e no país, envolvi-me mais plenamente no processo latino-americano e caribenho após o Terceiro Congresso Latino-Americano da Juventude realizado na Venezuela em 2010”, diz ela. Ligia acredita que “é bonito ler ou ouvir que a Igreja considera os jovens como uma grande riqueza e que é necessário ouvir a sua voz e que eles participem, mas também é muito doloroso que isto muitas vezes permaneça apenas em palavras e não passe aos atos”. Por esta razão, “é melhor pedir que os jovens estejam no coração da Igreja, uma Igreja que os ama, que sente e se comove pelas realidades que vivem, as suas alegrias e tristezas, os seus desesperos e sonhos, capaz de descobrir e até questionar a novidade e riqueza das suas contribuições, indo além dos preconceitos e rótulos para fazer uma viagem com eles”.

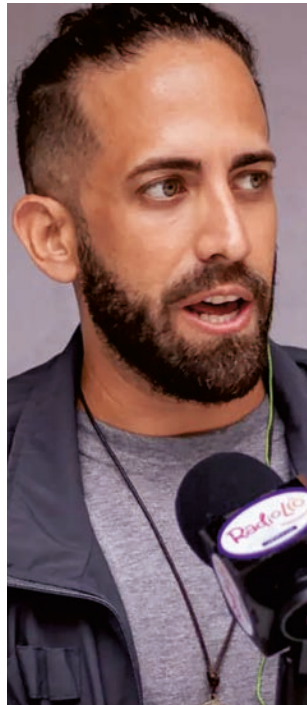
Jean Carlos Castillo Marmolejos, da equipa dirigente do Movimento Laudato Si’ na República Dominicana, com o papel de animador de animadores e também coordenador do Movimento Ecológico Salesiano da Pastoral Juvenil nas Antilhas, sente-se um protagonista “ainda com muitas barreiras a derrubar e obstáculos a ultrapassar, mas foi possível avançar na construção de uma consciência ambiental e de uma conversão ecológica mais forte na Igreja”. Do seu ponto de vista ecológico, acredita que “hoje os jovens estão a desempenhar um papel muito importante como agentes de transformação na sociedade. Os jovens devem dar a si próprios a oportunidade de trazer à tona



Joaquín Casaburro



Ligia Elena Matamoros Bonilla



Manuel Rodríguez



Nicolle Barón

a melhor versão de si mesmos, de reconhecer o valor que têm, de não ter medo, de levantar a voz quando necessário, de sonhar, de aceitar o convite de Francisco, de fazer confusão". Pediu à Igreja para "continuar a ouvir-nos a nós, os jovens, para nos deixar brilhar com a nossa essência e caminhar juntos nesta missão que nos foi dada para proteger e cuidar da nossa 'casa comum'".

De Buenos Aires, Joaquín Casaburro faz parte da equipa nacional da Cáritas com a qual acompanha os processos de formação, cidadania e projetos de equidade. Aos 15 anos, disse sim ao convite do Santo Padre: "Na escola secundária, foi-me pedido para acompanhar o processo de formação dos líderes do campo. Poder-se-ia dizer que, desde então, tenho estado ao serviço da Igreja". Não importa a escala do desafio, "nós jovens estamos lá para transformar", portanto, "sinto-me como um protagonista, eles sempre me deram um lugar, confiança. Sempre me acompanharam e me ajudaram a crescer. O acompanhamento foi muito importante. Hoje, partindo da Cáritas, sinto que posso contribuir, que tenho voz, que posso colocar os meus dons ao serviço da comunidade".

JAMA WAPICHANA: "FRANCISCO TEM SIDO UM AGENTE MUITO IMPORTANTE PARA A JUVENTUDE, CONVOCANDO TODA A SOCIEDADE A CAMINHAR JUNTO"

O jovem acrescenta algo mais ao apelo do Papa: "Ele convidou-nos a lançar a confusão, mas depois disse: bem, uma confusão organizada; mas eu acrescentaria também: uma confusão juntamente com os avós e uma confusão todos juntos, ou seja, uma confusão intergeracional e uma confusão sinodal." Um episódio: "Até há pouco tempo fazíamos parte de uma associação civil que surgiu de uma missão em Catamarca quando era adolescente. Nós jovens? Não, todos nós, todos juntos."

Nicolle Barón vive em La Dorada, no departamento de Caldas, na Colômbia. Ela está ligada ao Laboratório de Catequese promovido pelo Celam. "Este ano tive a oportunidade de ser catequista e foi uma experiência enriquecedora, de poder preparar as crianças para receberem a sua primeira comunhão e através dela envolvi-me nas situações que cada família vive, com o objetivo de as orientar e de as aproximar do caminho de Deus". Ela constrói a Igreja através do testemunho da sua vida, sobretudo "estando empenhada na missão evangelizadora através da escuta e acompanhamento das comunidades, a fim de encorajar outros jovens a tomar a iniciativa de realizar obras para o bem-estar social". Ela vê este tempo de sinodalidade como "a oportunidade de caminhar para o mesmo objetivo que é Cristo e para isso é necessário fazer contribuições de qualidade para o bem comum, derrubando os muros da indiferença, estando no lugar dos outros, promovendo a verdade, o bem e fazendo discernimento na tomada de decisões".

Imaginários e traços das culturas juvenis

O Observatório Socioantropológico Pastoral do Celam, anexo ao Centro de Gestão do Conhecimento, realizou este estudo com base nas diretrizes pastorais da *Christus vivit*, uma exortação apostólica publicada em março de 2019, com base no Documento Final do XVIII Sínodo dos Bispos realizado em Roma, em outubro de 2018, onde foi debatido o tema Juventude, fé e discernimento vocacional. De fato, como assinala Jorge Blake, professor e pesquisador da Pontifícia Universidade Católica do Chile, autor desta pesquisa, “ao visitar *Christus vivit* três anos depois, a lucidez, profundidade e radicalidade das conclusões resultantes do discernimento nunca cessam surpreender. Nesse sentido, vale perguntar como avançar como Igreja da América Latina e do Caribe para enfrentar os desafios expostos na carta, o que implica uma profunda conversão eclesial no modo como nos relacionamos com os jovens na Igreja”, a ponto de “nos dar uma perspectiva refrescante e esclarecedora sobre a juventude, convidando a uma mudança de paradigma na forma de entender a relação entre a juventude e a Igreja”.

Monsenhor Jorge Lozano, secretário-geral do Celam, prefaciou este estudo, destacando que “um dos maiores desafios hoje, para uma Igreja que sai ao encontro dos jovens, é reconhecer a enorme diversidade das culturas juvenis atuais e entrar em um diálogo profundo com suas realidades, às vezes distantes do que a própria Igreja propõe. Isso gera necessariamente a sustentação de uma reflexão permanente e bem informada sobre as dinâmicas de transformação das realidades juvenis, bem como o cultivo de uma presença pastoral o mais ampla, inclusiva, dialogante e empática possível, não só pelos jovens, mas com eles e a partir deles”. Lozano insiste que “é essencial reconhecer as várias formas de exclusão e desigualdade



que afetam a juventude da América Latina e do Caribe, bem como seu papel fundamental na transformação da política, da economia e da sociedade por meio da mobilização social, do uso das novas tecnologias e a renovação da cultura”. Por isso, “o nosso olhar crente desafia-nos a discernir os sinais dos tempos em cada um destes fenômenos, descobrindo o que Deus quer comunicar-nos através dos desejos, buscas e lutas dos jovens do mundo de hoje. Esperamos que este caminho aberto nos permita comunicar melhor, compreender e acolher as questões que são prioritárias para os jovens e especialmente os mais vulneráveis”.

Este documento de trabalho consiste em uma reflexão teológica pastoral do salesiano argentino Iván Ariel Fresia, do corpo docente da Pastoral Juvenil do Centro de

Formação Cebitepal. O texto começa revisitando brevemente as desafiantes diretrizes pastorais oferecidas pela exortação apostólica *Christus vivit* sobre a relação juventude-Igreja. Posteriormente, aprofunda progressivamente as culturas juvenis, investigando a sua construção sociocultural, imaginários e traços distintivos. Por fim, como conclusão, são oferecidas algumas reflexões sobre a importância do diálogo intergeracional como espaço de encontro com os jovens. Ao mesmo tempo, este esforço responde à urgência que reconhecemos como Igreja de sair ao encontro dos jovens, não a partir da doutrina, mas através de um diálogo profundo, capaz de valorizar as próprias experiências e contextos.

O agora de Deus

ÁLVARO SALAZAR

SECRETARIO DE LA COMISIÓN PARA JÓVENES Y LAICOS DE LA CONFERENCIA EPISCOPAL PERUANA

Falar dos jovens da América Latina sempre implicará falar do “agora de Deus” (Papa Francisco, Homilia na Missa da JMJ no Panamá, 27 de janeiro de 2019). São os jovens que, com seu modo de amar e sentir, estão transformando a realidade social e eclesial do nosso continente, colocando o “bem comum” em primeiro lugar para construir a tão esperada “civilização do amor” (Papa Paulo VI, Homilia na Missa de Natal de 1975). Assim, durante a pandemia eles foram os protagonistas do amor solidário e gratuito que foi dado para subir montanhas, percorrer encostas e expor suas próprias vidas para poder levar mantimen-

tos e alimentos a quem mais precisava. Em muitos de nossos países, a Cáritas Jovem e a Pastoral Juvenil, em seus vários níveis de ação, foram pioneiras no apoio silencioso.

Da mesma forma, muitos jovens deram sua criatividade e força para encorajar outros por meio de programas online gratuitos de ajuda psicológica, nivelamento escolar ou arrecadação de fundos. Todos esses esforços são feitos sem outra busca senão a do amor ao próximo. Em meio a isso, a Pastoral Juvenil na América Latina e no Caribe não esteve alheada, nesse momento de ansiedade, e tentou oferecer espaços de oração e acompanhamento pastoral e psicológico por meio de grupos juvenis e comissões nacionais de pastoral juvenil, da mesma forma que estivemos plenamente envolvidos no processo da Assembleia Eclesial com amplos espaços de reflexão para todos os jovens do continente. Estes permitiram-nos conhecer, ainda melhor, os vários problemas deste novo tempo que enfrentamos, revelando a necessidade de apostar no apoio constante e na formação contínua dos conselheiros e jovens líderes.

Este último é um pedido já sussurrado desde o Sínodo sobre os jovens: “Os jovens são continuamente chamados a tomar decisões que orientam a sua existência; expressam o desejo de serem ouvidos, reconhecidos e acompanhados” (Documento Final). Estas palavras ressoam hoje, mais do que nunca, no meio da Pastoral Juvenil. Por isso, de 14 a 18 de setembro, a Equipe de Pastoral Juvenil da América Latina e do Caribe se reuniu pessoalmente, pela primeira vez desde o início da pandemia, na cidade de Lima, para reconhecer o caminho percorrido pelos jovens do continente; refletir sobre o pedido de escuta, reconhecimento e acompanhamento durante o caminho sinodal; consolidar a prevenção de abusos para construir espaços seguros; discernir os passos a seguir rumo à JMJ Lisboa 2023 e ao XXI Encontro Latino-Americano de Responsáveis Nacionais de Pastoral Juvenil; e desenhar o processo de reestruturação do serviço seguindo os passos da Celam. ●



Os jovens 'Abençoada mistura', durante seu encontro em julho, em El Salvador



O presidente do Celam, junto com o nuncio em Colômbia

A nova sede do Celam: uma construção em rocha firme

OS BISPOS DO CONTINENTE INAUGURARAM OFICIALMENTE EM 12 DE JULHO O PRÉDIO QUE SERÁ SEU CENTRO NEVRÁLGICO

PAOLA CALDERÓN

2022 será um ano de grande recordação para o Celam. Um tempo marcado pela mudança. Transformações físicas e do núcleo que certamente contribuirão para o benefício de sua missão pastoral, essa é a esperança. Oferecer um serviço integral às 22 Conferências Episcopais do continente que seja coerente com suas necessidades pastorais e a firme disposição de viver a experiência da sinodalidade, o objetivo. Talvez um dos eventos que evidencia esse desejo de mudança seja a inauguração de sua nova sede, evento realizado no início da Assembleia Geral Extraordinária, realizada de 12 a 14 de julho.

FIRMES NO CAMINHO

Diversas personalidades da Igreja universal participaram do evento em que foi lembrado o processo iniciado em 2013 durante a

presidência do cardeal mexicano Carlos Aguir Retes. Naquela época, uma das motivações era unificar as duas sedes do Celam propondo o arrendamento da sede localizada no tradicional bairro de Usaquén, em Bogotá, e o desenvolvimento de um lote localizado na conhecida avenida Boyacá, sob a figura da construção de uma nova sede. Um desejo que foi aprovado na assembleia do Panamá no mesmo ano, que levou a presidência do Celam para aquele quadriênio a obter financiamento da Conferência Episcopal Italiana e o apoio do Papa Francisco.

Em 17 de maio de 2017, durante a presidência do cardeal Rubén Salazar, foi aprovado o projeto apresentado pelos arquitetos Felipe Bermúdez, Miguel Ángel Lozano e Jesús Fiallo. Esta decisão deu lugar à aprovação do financiamento do projeto na Assembleia hondurenha, em 2019, com a qual se iniciaram os trâmites para obter a licença de construção das



instalações da nova sede. Os trabalhos iniciaram-se em maio de 2019, apelando à modalidade de administração delegada e com o apoio de monsenhor Miguel Cabrejos, atual presidente do Celam. Nesse mesmo ano, ao padre Adolfo Vera foi confiada a missão de conduzir todo o processo de construção, considerando sua experiência como engenheiro civil em obras de grande porte e sua missão como padre incardinado na Arquidiocese de Bogotá. O projeto estrutural foi atribuído ao engenheiro Fernando Pachón.

SIMPLICIDADE, LUZ E NATUREZA

O projeto arquitetônico da nova sede do Celam caracteriza-se pelo seu estilo minimalista e humano, centrado em aspetos como a natureza que envolve o edifício e a presença de luz natural em todos os seus espaços, o que evidencia a grande limpidez e simplicidade das suas linhas. São elementos que se associam às construções vanguardistas desta época, onde a geometria bem distribuída torna-se a marca da sua identidade.

UMA CASA PARA TODOS

Do ponto de vista prático, a nova sede do Celam possui três espaços que determinam suas principais funções. O claustro, como espaço de acolhimento, tem 48 quartos individuais, 17 quartos duplos e um refeitório para 115 pessoas. A praça funciona como uma zona de transição. Tem uma grande praça que enquadra o pátio e a capela para 200 pessoas.

Ali estão localizados os escritórios das diferentes dependências, a biblioteca e as salas de aula equipadas com alta tecnologia, com capacidade para até 30 alunos cada, e projetadas especificamente para as atividades formativas do Centro de Formação Cebitepal; além do grande auditório e da cafeteria, que conta com serviços sociais.

PROCURAR O SENTIDO

Em sua mensagem para a ocasião, o Papa Francisco convidou a presidência do Celam a agradecer a feliz conclusão deste trabalho material que será uma grande bênção para avançar nos processos de evangelização e formação pastoral em apoio às conferências episcopais, sem esquecer que se o Senhor não constrói a casa, os construtores se cansam em vão. “Não esqueçamos que nossas estruturas materiais só fazem sentido quando se destinam a servir, sobretudo, às irmãs e irmãos que habitam as periferias mais extremas da vida”, alertou. Apreciar e agradecer as realizações deste trabalho é natural, mas, como afirma o Papa, é preciso estar atento às três idolatrias que podem ameaçar o progresso do povo fiel de Deus: o mundanismo espiritual, o pragmatismo dos números e o funcionalismo que nos leva a ficar entusiasmados com o plano de rota e não com a rota. Tentações que não toleram o mistério e vão para a eficiência. Este pode ser o verdadeiro desafio para o Celam neste momento em que inicia sua operação eclesial a partir de sua nova sede. ●

Diferentes momentos da Assembleia Extraordinária em que foi inaugurada a nova sede



Francisco Bosch

TEÓLOGO. COORDENADOR CONTINENTAL DE PROCESSOS FORMATIVOS DAS CEBs E DA ESCOLA ABENÇOADA MISTURA

Jovens

Rossy nasceu em Tierra Blanca, em Bajo Lempa, nas periferias de El Salvador, o mais pequeno país das Américas. Belchi nasceu em Agronomía, bairro da cidade de Buenos Aires, capital da Argentina. Yuleidys mora em Bayamo, em Cuba. Suzy é do Rio, do grande Brasil. Monica mora nos Andes equatorianos e traz o poder do Quichua. Laura é do sul do Chile, de Lof Lienlaf, mas mora na Cidade do México. Javier é do Panamá, e chega com seu tambor. Diego é do Cuyo argentino, e traz um violão. Pablo de Jalisco vem com a vihuela. Pamela do Paraguai traz um vestido incrível para dançar com um grande pote na cabeça. Laurel é do Ohio, mas vem de perto, porque mora em El Salvador há anos. Noel traz, de Masaya, Nicarágua, uma grande voz retumbante. Glenda fica em Havana, não recebemos os papéis a tempo. Antonio não pôde chegar de Chiapas, com as estradas incendiadas em reivindicações.

Quarenta jovens de 14 países de NuestrAmérica chegam a El Salvador. Eles não vão para o centro, vão para um departamento quente e periférico: El Bajo Lempa. Eles se deram um nome para explicar o significado de seu caminho, eles dizem que querem ser 'uma Mistura Abençoada'.

Eles devem estar confusos, esses jovens, porque dizem que estão em uma 'Peregrinação à Terra Santa'. Um exemplo serve para entender essa 'confusão de calendários e geografias': onde os mapas oficiais indicam 'Caserío El Mozote', no departamento de Morazán, leem 'Nuestro Gólgota' ('Nosso Gólgota') e sobem uma colina para ouvir as vozes das mulheres que sobreviveram a um estupro coletivo pelo batalhão Atlácatl, e depois

olham os nomes de centenas de crianças que dormem debaixo de terra, nas raízes que nutrem a vida das comunidades que lutam, sobrevivem e curam a história. Eles e elas, todos jovens, insistem em ajoelhar-se. Nosso Gólgota.

Para 'contar o que veem' (Cf. Ap 1,11), eles criam um eixo de sistematização muito próprio do século XXI: #MingaBenditaMezcla. Esconde algumas imagens do que viveu nas redes sociais. São sementes na estranha terra da fibra ótica. Esses jovens não têm medo do encontro e dos paradoxos que nos habitam de tensão: territorial e virtual, ontem e hoje, tradição e renovação, escuta e grito profético, ferida e cura, luta e libertação.

A cena se repete todos os dias em seus encontros, oficinas, naqueles espaços que chamam de 'Mingas':

**HÁ JOVENS QUE CONSTROEM
SILENCIOSAMENTE O GRITO QUE
PODE NOS SALVAR EM COMUNIDADE.
ELES ESTÃO FAZENDO ISSO, ELES
ESTÃO TECENDO ISSO**

rodadas onde todos podem se olhar nos olhos. Passam o tempo em silêncio, dançam, brincam, celebram e, sobretudo, ouvem as comunidades. Dizem que as Comunidades Eclesiais de Base, organizadas e crentes, são comunidades mestras. Os jovens dizem que querem ser "ouvintes das comunidades da palavra de Deus". Por isso, calam-se, ouvem a experiência do crente, curvam-se e depois celebram com aquele tesouro encontrado ao fundo.

Esses jovens, além de compartilhar a fé, participam dos processos de mudança em seus países, em suas comunidades, em seus bairros, em suas famílias. Não aparecem nos jornais, porque em silêncio constroem o grito que pode nos salvar em comunidade.

Eles estão fazendo isso, eles estão tecendo isso. Eu sou uma testemunha, eu vi e toquei. ●

O cardeal da Amazônia: a voz da periferia no centro do catolicismo

LEONARDO ULRICH STEINER FOI CRIADO CARDEAL PELO PAPA NO CONSISTÓRIO DE 27 DE AGOSTO

P. LUIS MIGUEL MODINO

O cristianismo é uma religião comunitária que só se vive plenamente a partir do “nós”. Tudo o que cada batizado faz na Igreja e no mundo deve ter uma perspectiva coletiva, sinodal, que vá além do individual, além do individualismo que nos encerra em nós mesmos e nos impede de ser testemunhas de um Deus que é comunhão e que se manifesta em sua plenitude em cada uma das três pessoas da Trindade. Independente do serviço que cada um realiza, devemos estar atentos a isso. Na história da Igreja, o cardinalato foi muitas vezes entendido como um título, um privilégio, a mais alta das aspirações na carreira eclesial. É surpreendente e alegre, portanto, que alguém que recebe a púrpura do cardeal a viva desse sentido de comunidade.

Em 30 de maio, um dia depois de ser surpreendido pelo Papa Francisco com sua nomeação, em encontro com a imprensa local, o arcebispo de Manaus, Leonardo Ulrich Steiner, afirmou que seu cardinalato “é uma alegria para todos nós da Amazônia”, insistindo que “minha nomeação não se refere apenas a mim”. Ele destacou como “Francisco tem um carinho especial pela Amazônia e pelas igrejas que estão na Amazônia”. Por isso, não hesitou em afirmar que sua nomeação, que se concretizou no consistório de 27 de agosto, “demonstra mais uma vez o quão próximo ele está de nossas igrejas, está próximo de nossa região”. De fato, na cerimônia em que recebeu o barrete cardinalício, o Papa, em uma conversa que durou mais do que o esperado para aque-



le momento, algo que não passou despercebido, mostrou com seus gestos a alegria daquele momento. Mesmo sem saber o conteúdo de suas palavras, algo que deveria permanecer entre eles, Francisco mais uma vez mostrou seu carinho pela Amazônia, representada neste dia pelo arcebispo da maior Igreja da região.

Uma voz e uma representação que desde o primeiro momento o Povo de Deus confiou a Steiner. Bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas, indígenas, ribeirinhos, mesmo aqueles que não participam da Igreja, manifestaram sua alegria pela nomeação, mas também se sentem representados por alguém que estabelecerá pontes firmes entre a Amazônia e o Santo Padre, entre a periferia e o centro do catolicismo. “A alegria de ter um

cardeal na Amazônia é que esta não foi esquecida pelo Papa”, nas palavras do novo cardeal, que quer avançar na missão e nas propostas contidas em Querida Amazônia, uma Igreja mais sinodal, mais presente, mais profético, companheiro de caminho, que torna visível o Reino de Deus.

O cardeal vê sua nomeação como fruto do Sínodo, afirmando que “talvez o Papa esteja pedindo às nossas Igrejas que realmente assumam o Sínodo”. Os bispos, juntamente com toda a Igreja da Amazônia, “estão muito dispostos a ajudar o Santo Padre a ser uma Igreja muito missionária, especialmente uma Igreja sinodal”. Por isso, ele quer que seu cardinalato seja na Amazônia “a própria presença do Papa Francisco”, ajudando a “expressar os desejos e sonhos do Santo Padre”. ●



PRESB^o AUGUSTO HORÁCIO RÍOS ROCHA
DIOCESE DE GRANADA, NICARÁGUA

“Precisamos de discípulos missionários”

RUBÉN CRUZ

O padre Augusto Horacio Ríos Rocha é membro da equipe da Pastoral Juvenil na América Latina e Caribe. Natural da diocese de Granada (Nicarágua), Missão Celam conversa com ele sobre sua principal tarefa: os jovens.

De que jovens a Igreja precisa hoje no continente?

Olhando para Aparecida, podemos dizer que a Igreja hoje precisa de jovens discípulos missionários; forjadores da desejada civilização do amor. Agora, para viver o ser de discípulos missionários, são necessários jovens que sejam como árvores de raízes profundas, galhos frondosos e frutos verdadeiros. As raízes são os seus princípios evangélicos que, enraizados na experiência do encontro pessoal e comunitário com Cristo, tornarão possível a sua dedicação radical; os ramos são as qualidades dos jovens, que propiciarão a projeção de seus sonhos e esperanças ao serviço do Reino; os frutos são suas ações que, permeadas pelo poder do Espírito Santo, levarão à atração de seus semelhantes que buscam a plenitude da vida.

Os jovens exigem sempre mais escuta, falta à Igreja mais “apostolado do ouvido”, como diz o Papa?

Quando falamos em ouvir os jovens, nunca é suficiente, sempre se pode e deve ouvir mais e isso por várias razões; por um lado, os jovens, por sua natureza, reivindicam ser mais ouvidos, pedem mais protagonismo, exigem espaços de onde possam viver sua fé; por outro lado, uma geração de jovens segue a outra, estão sempre em movimento contínuo; razões pelas quais a Igreja deve estar sempre ouvindo e junto com eles discernir a presença do Reino neles. A escuta, por parte da Igreja, deve ser per-

manente, de fato, deve estar atenta aos sopros do Espírito Santo que se manifesta nos e dos jovens. A Igreja, como mãe e mestra, deve aguçar o ouvido e, mais ainda, o coração, para perceber não só o que dizem os jovens, mas também o que gritam no seu silêncio, “os gritos silenciosos” de uma geração que quer ser ouvida, cuidada e incentivada a ser protagonista. Não se trata de um paternalismo que, mais do que apoio e ajuda, acaba por mutilar as capacidades dos jovens, mas de um companheiro de estrada que impulsiona e motiva a viagem.

Christus vivit marca um antes e depois?

Christus Vivit vem para enriquecer e carimbar a proposta pastoral do continente, reafirma as coordenadas marcadas pelos compassos da Pastoral Juvenil: Civilização do Amor, Tarefa e Esperança; e Civilização do Amor, Projeto e Missão. A metodologia adotada pela Pastoral Juvenil é de pequenas comunidades de jovens, são seu próprio espaço para forjar a experiência de Deus e a experiência das relações interpessoais com outros jovens.

A Igreja ainda é muito centrada no adulto?

Dizer sim, dizer não, seria encerrar, na mesma medida, as diferentes igrejas particulares. Há igrejas que favorecem, incentivam e acompanham a igreja jovem; outros vivenciam o processo de abertura ao ser e ao fazer dos jovens; porém, nas primeiras experiências, novos espaços de coordenação e organização eclesial devem ser dados aos jovens; no segundo, devem ter espaços para ouvir; ainda é preciso uma mudança de mentalidade, para ver de outra perspectiva, o que não é fácil; a sinodalidade o exige. ●



Dom Juan Carlos Cárdenas Toro

BISPO DE PASTO (COLÔMBIA) E COORD. DO CONSELHO DO CENTRO PARA A COMUNICAÇÃO DO CELAM

Em saída, até eles

O surto social que a Colômbia experimentou no ano passado destacou, entre outras coisas, a crescente distância que os jovens percebem entre si e a Igreja. Se, por um lado, em muitos cenários a Igreja esteve presente buscando soluções sensatas e dialogadas para a crise, muitos foram os que viram essa presença com desconfiança e até expressaram seu desconforto: “Eles não nos representam.”

Com a única pretensão de compartilhar minhas experiências daqueles dias, espero, ao menos, provocar a reflexão e estimular o chamado a não desistir de uma pastoral juvenil capaz de chegar aos espaços onde os jovens vivem diariamente.

Voltando ao que vivi naqueles dias de crise social, o grande desafio que experimentei foi buscar com humildade e mente aberta entender o contexto para ver como recuperar a confiança, construir pontes e progredir com um jovem em necessidade de acompanhamento. Mais tarde, fiz um exercício de escuta, paróquia por paróquia, no qual os jovens foram uma prioridade. Eles não escondem nada, não se importam se as palavras machucam. Mas ouvi-los faz muito bem.

“A Igreja é hipócrita”, “são abusadores”, “manipulam a consciência das pessoas”, “só se interessam por dinheiro”, são algumas das frases que se repetem reunião após reunião. À medida que avançamos, entendendo que há muito preconceito, muita desconfiança. O que os jovens encontram nas redes sociais, até alguns professores estão submetendo os jovens a uma crua ‘colonização ideológica’. O que tudo isso mostra é que os jovens estão expostos, que seus ambientes protetores (família, escola, etc.) estão encontrando no ciberespaço, na academia e em tantos outros cenários.

Há esperança. Embora possa ser intimidante ouvir tantas frases duras, há uma centelha no coração das novas gerações que devemos reconhecer: eles estão preocupados com a injustiça, estão angustiados com a depredação da ‘casa comum’, eles querem um mundo melhor. Eles não querem muitas palavras, mas estão famintos por experiências de vida. Existe uma perspectiva. Os jovens são a maior oportunidade

que temos hoje. A realidade em que vivemos confirma a necessidade de nos dirigirmos a eles como território de missão, como território sagrado, no qual devemos entrar com os pés descalços do respeito, da humildade, do apostolado da escuta, abrindo caminho para construir pontes e anunciar com paciência a eles, primeiro com testemunho e depois com palavras, a beleza do Evangelho da vida.

Jesus convida constantemente a não temer. Não tenhamos medo de dar o primeiro passo com o entusiasmo que o Papa Francisco dá na *Christus vivit*: “Ousa ser mais, porque o teu ser é mais importante do que qualquer outra coisa; não precisas de ter nem de parecer. Podes chegar a ser aquilo que Deus, teu Criador, sabe que tu és, se reconheceres o muito a que estás chamado. Invoca o Espírito Santo e caminha, confiante, para a grande meta: a santidade. Assim, não serás uma fotocópia; serás plenamente tu mesmo. (n. 107). ●





OS ÚLTIMOS, OS PRIMEIROS

A herdeira dos povos Garífuna

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

Monserrate Figueroa deixa a alma no tambor. Ela é uma jovem Garífuna – povos ancestrais de tradições africanas e indígenas desde os tempos coloniais – que continua apostando no que sua comunidade chama de Au Buni; Amürü Nuni, isto é, amor a Deus e ao próximo. Ela sabe que é difícil e, como coordenadora da Pastoral Garífuna em Honduras, tem que lutar repetidamente contra uma espécie de apartheid 'religioso' (dentro de portas) da própria Igreja: "Se não fosse minha formação e raízes, talvez eu estivesse fugindo da mesma forma que outros jovens e envergonhado de minha cultura."

Ela viveu em sua própria carne os golpes do clericalismo. Era um domingo. Ela estava levando alguns bebês Garífuna para serem batizados. O padre negou o sacramento, porque "os pequenos usavam um lumafu, uma fita

vermelha com cânfora e alguns elementos de nossa cultura que os mais velhos colocavam para proteger o bebê contra o mau-olhado". E, sem um pingo de empatia, o padre apenas acrescentou: "São crenças pagãs, algo do diabo."

A jovem armou-se de paciência, de uma dor indescritível pelo "desrespeito às nossas tradições"; no entanto, dois dias depois, uma cena semelhante se repetiria: "Estávamos celebrando a Eucaristia de Natal. O mesmo padre deu dois socos no altar dizendo que não podíamos aplaudir ou tocar tambores." Sem dúvida, foi uma facada certeira para ela e seu povo, porque "tocar tambores é a nossa maior alegria, porque é assim que adoramos o Cristo vivo". Mais de um ano se passou, em seu coração ela não guarda rancor, só deseja que mais padres conheçam a herança de seus povos: "Claro, eu perdoo essa ação, mas é importante abrir mentes e corações."